

Vozes d'África no PNBE 2008*

Flávia Brocchetto Ramos**

Nathalie Vieira Neves***

Aline Crisleine Orso****

Resumo

O artigo analisa a presença da cultura africana no acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola 2008. Apresenta narrativas ligadas a essa cultura e analisa histórias africanas de tradição oral. Para a formação do corpus, foram selecionadas obras com narrativas ou personagens africanos ou afrobrasileiros. Através da análise das narrativas, construídas a partir da interação entre sistemas verbal e visual, observa-se a construção da identidade africana ou afrobrasileira, a presença de conflitos étnicos, bem como a diversidade e a diferença na representação (física, ambiental e cultural) dos povos da África. A partir do estudo desses produtos culturais, espera-se contribuir para divulgar tais obras, a fim de promover práticas de leitura mais efetivas na formação do leitor literário e maiores reflexões sobre os estereótipos culturais relacionados às culturas africanas e afrobrasileiras.

Palavras-chave

Leitura; cultura africana; linguagem narrativa; PNBE.

Abstract

The article examines the presence of African culture in the collection of Programa Nacional Biblioteca da Escola [National Program Library in Schools] 2008. It is proposed to present narratives related to that culture and analyze the oral tradition's African stories. The corpus of study is formed by books which have African or Afro-Brazilians stories and characters. Through the analysis of narratives, by interaction between verbal and visual languages, there is a construction of the afro-Brazilian or African identity, observing the presence of conflicts and ethnic diversity and a difference in representation (physical, environmental and cultural) of Africa's peoples. This study, based on cultural books, aims to contribute to disseminate such works in order to promote more effective reading practices in the formation of literary reader and more reflections on cultural stereotypes related to Afro-Brazilian and African cultures.

Keywords

Reading; african culture; narrative language; Programa Nacional Biblioteca da Escola.

* Artigo recebido em 02/08/2011 e aprovado em 30/09/2011.

** Professora no PPGEd/UCS. Doutora em Letras pela PUCRS, com Estágio Pós-doutoral em Educação pela UFMG.

*** Bolsista FAPERGS no Projeto "PNBE/2008 em Caxias do Sul: recepção e usos para o letramento".

**** Bolsista FAPERGS no projeto "PNBE 2010: leitura possíveis" (UCS).

Introdução

Políticas públicas visando à formação do leitor estão sendo implementadas por diversos países. No Brasil, vários fatores, entre eles a carência de livros literários de qualidade nas escolas públicas, desencadearam, em 1997, a criação do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), com o objetivo de incentivar a leitura e democratizar o acesso aos livros nas bibliotecas escolares brasileiras. O PNBE é executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), em parceria com a Secretaria da Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC), e consiste em um Programa que seleciona, adquire e distribui obras de literatura e de referência às escolas públicas de Educação Infantil, de Ensino Fundamental (anos iniciais e anos finais) e, a partir de 2008, também de Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial (Cf. BRASIL, 2010).

No ano de 2008, segundo o FNDE¹, o PNBE disponibilizou, para os anos iniciais do Ensino Fundamental, cinco acervos com 20 títulos cada. Entre essas obras, têm-se livros em verso (poemas, quadras, parlendas, cantigas, trava-línguas, adivinhas), em prosa (pequenas histórias, novelas, contos, crônicas, textos de dramaturgia, memórias, biografias), livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos (entre eles, clássicos da literatura universal adaptados a esse público).

Os critérios para a distribuição do acervo obedecem à quantidade de alunos matriculados nos estabelecimentos escolares e são fixados pelo Edital apresentado em cada edição. Por exemplo, no caso dos anos iniciais do Ensino Fundamental, alvo de nossa pesquisa, as escolas com até 250 alunos receberam 1 acervo; com até 500 alunos, 2 acervos; com até 750 alunos, 3 acervos; com até 1000 alunos, 4 acervos; e as escolas com mais de 1001 alunos receberam 5 acervos (BRASIL, 2009). Entretanto, acreditamos que esse número ainda seja reduzido em relação à demanda necessária para promover ações de leitura literária nas escolas, o que aponta para a necessidade de consolidação e ampliação do PNBE.

Assim como ações governamentais que priorizam a leitura literária são implementadas, também surgem projetos de pesquisa que investigam a leitura. Nesse sentido, o projeto “Educação, linguagem e práticas leitoras” (ELP), iniciado em março

¹ Os dados acerca do PNBE são retirados do site <http://www.fnde.gov.br/index.php/programas-biblioteca-da-escola>

de 2009, na Universidade de Caxias do Sul (UCS), estuda a leitura de diferentes produtos culturais contemporâneos destinados à infância: livros de literatura infantil, propagandas, desenhos animados, jornais, revistas infantis, sites, e os seus processos e possibilidades de intervenção por parte de docentes. Aponta-se, ainda ligado à pesquisa ELP, o subprojeto “PNBE/2008 em Caxias do Sul: recepção e usos para o letramento”², desenvolvido a partir de agosto de 2009. Tais pesquisas são desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS, na linha de pesquisa “Educação, Linguagem e Tecnologia”.

Após a leitura de todo o acervo, percebeu-se que 11% do acervo de narrativas contém enredos cujos personagens são africanos ou, mesmo vivendo no Brasil, apresentam traços que os relacionam a essa etnia. São, portanto, 11 obras, a saber: *Outra vez*, de Angela Lago; *Melhores amigas*, de Rosane Svartman; *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém; *O rei preto de Ouro Preto*, de Sylvia Orthof; *Chuva de Manga*, de James Rumford; *O que tem na panela, Jamela?*, de Niki Daly; *Os três presentes mágicos*, de Rogério Andrade Barbosa; *Os chifres da hiena e outras histórias da África Ocidental*, de Mamadou Diallo; *O príncipe corajoso e outras histórias da Etiópia*, de Praline Gay-Para; *Ulomma, a casa da beleza e outros contos*, de Sunny; *Os gêmeos do tambor*, de Rogério Andrade Barbosa. Outras etnias aparecem discretamente ou nem são citadas nas obras selecionadas pelo Edital.

Literatura sobre a África e a literatura africana

Em discurso gravado em Oxford, em 2009, e difundido pelo *site* TED (*Technology, Entertainment, Design*), a escritora nigeriana Chimamanda Adichie lembra que, quando criança, imaginava somente histórias com personagens brancas, com hábitos e conflitos típicos de pessoas da Inglaterra e dos Estados Unidos. Na verdade, seu acervo de leituras era constituído apenas por histórias britânicas e americanas, fator que a induzia a pensar que as histórias só poderiam ter personagens europeias. Nesse sentido, a escritora afirma:

[...] tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Bem, as coisas mudaram

² Esta proposta contempla os estudos de pós-doutorado realizado pela professora Flávia Brocchetto Ramos, na Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da professora Aparecida Paiva.

quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, mas devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye, eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura. (ADICHIE, 2009; 01:56, 036 min a 02:33,320 min).

Na origem da literatura infantil ocidental, encontramos enredos cujos personagens pertencem à cultura europeia, como nos conta tanto Adichie como a própria história da literatura infantil. Entre os personagens dos contos de fadas, mesclam-se camponeses, príncipes e reis, mas todos são brancos. No caso da literatura infantil produzida no Brasil, o aparecimento de outras etnias além do português, como o índio e o africano³, é recente, embora houvesse um rico acervo de histórias orais contadas pelos índios e negros.

A assimilação cultural nos países colonizados pelos europeus desencadeou a submissão das culturas indígenas e africanas àquela do colonizador. Há estudos que afirmam que, “a assimilação ocorre quando há uma absorção/destruição de uma cultura por outra” (CONFORTO, 2003, p. 164), num processo de colonialismo. Chimamanda Adichie lembra que, devido à falta de oportunidade para a difusão das diferentes vozes africanas, em geral os povos estrangeiros têm uma má impressão da África, vista como um continente marcado apenas pela pobreza, pelas guerras civis e pela AIDS. A história divulgada sobre a África é a de uma terra (por muitos pensada como país) desolada pela catástrofe, cujos povos (por muitos chamados tribos) despertam apenas piedade, sem outros sentimentos além do sofrimento. A escritora argumenta:

Se eu não tivesse crescido na Nigéria e se tudo que eu conhecesse sobre a África viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África era um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por elas mesmas, e esperando serem salvas por um estrangeiro branco e gentil. (ADICHIE, 2009, 06:08,080 min a 06:29,138 min).

Relacionando a história única com os estereótipos, Chimamanda Adichie pondera que o problema dos estereótipos não é que eles sejam mentirosos, e sim que eles são incompletos, tomando a parte pelo todo:

³ Excetua-se aqui a obra de Monteiro Lobato publicada para a criança onde aparecem personagens negros.

[...] a África é um continente repleto de catástrofes. [...] Mas há outras histórias que não são sobre catástrofes. E é muito importante, é igualmente importante, falar sobre elas. [...] A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes (ADICHIE, 2009; 13:27,971 min a 14:09,265 min).

Em relação à produção literária que circula no Brasil, Eliane Debus (2007) argumenta que, durante muito tempo, a visão eurocêntrica permeou as histórias infantis, de modo que a voz do negro foi silenciada, seja pela exclusão de personagens negros nas narrativas, seja pela construção de conflitos do ponto de vista hegemônico, trazendo a versão do “vencedor”. Assim, percebemos que, através da literatura, pode-se construir ou romper estereótipos, inclusive os que se relacionam a etnias. Através da leitura de obras de autores africanos, conhecemos um outro universo cultural a partir da óptica de quem nele vive, permitindo que se construa uma visão do outro sem exotismo ou piedade. Além disso, como lembra Debus, a literatura pode contribuir para a formação de identidades, já que a

identificação com narrativas próximas de sua realidade e com personagens que vivem problemáticas semelhantes às suas leva o leitor a re-elaborar e refletir sobre o seu papel social e contribui para a afirmação de uma identidade étnica. Esse outro que se anuncia nas linhas e entrelinhas do texto literário, tecido em papel e tinta, entra em diálogo com o eu (leitor) de carne e osso numa troca singular entre o narrado e o vivido. (2007, p. 1-2).

Desse modo, a leitura de obras de literatura infantil africana/afrobrasileira com uma perspectiva de respeito ao personagem afro possibilitaria a construção de uma identidade positiva para as crianças negras, além de proporcionar um novo olhar sobre o “outro”, diferente na cor, mas igual na humanidade.

A cultura afro no PNBE 2008

O PNBE 2008 (Ensino Fundamental) é formado por 5 acervos com 20 livros cada um, totalizando 100 obras. Partindo do critério de escolha de obras com narrativas ou personagens africanos ou afrobrasileiros⁴, os 11 títulos selecionados foram divididos, para fins de análise, em três categorias: narrativas africanas, narrativas com personagens

⁴ Neste artigo, os termos africanos e afrobrasileiros são entendidos da seguinte forma: africanos são os personagens que nasceram e viveram no continente africano. Já os afrobrasileiros são personagens que nasceram e vivem no Brasil, mas que tem explicitamente, pela caracterização realizada pelo narrador, raízes africanas.

negros e narrativas sobre a identidade afrobrasileira. Neste artigo, serão apresentadas brevemente essas obras e, na sequência, serão estudadas aquelas classificadas como narrativas africanas.

Nessa edição do PNBE, há duas narrativas com personagens negros, mas que não discutem especificidades da cultura africana São *Outra vez*, narrativa visual, criada por Angela Lago (Editora RHJ), publicada pela primeira vez em 1984, e *Melhores amigas*, escrita por Rosane Svartman e ilustrada por Fabiana Egredas (Jorge Zahar Editor), editada em 2006. Na primeira história, a protagonista é uma menina negra que circula por espaços de uma cidade cujo cenário lembra cidades como Ouro Preto, e a segunda é construída a partir de duas personagens: uma menina negra e outra branca. Embora haja estudos que apontam que a presença do negro na literatura infantil esteve atrelada a um tratamento marginalizador, de modo que dificilmente esse personagem é protagonista (ARBOLEYA, 2009), nas obras discutidas neste artigo, os protagonistas são negros.

A identidade afrobrasileira está presente em dois títulos: *O cabelo de Lelê*, escrita e ilustrada por Valéria Belém (Companhia Editora Nacional), e *O rei preto de Ouro Preto*, de Sylvia Orthof, com ilustrações de Rogério Borges (Editora Gaia). Na primeira narrativa, destaca-se que a menina protagonista não gosta de seus cabelos e que, através de um livro sobre a história dos países africanos, descobre por que tem os cabelos crespos e como é bela a herança africana. Na segunda narrativa, o protagonista é o rei de uma aldeia no continente africano que, após ter acolhido homens brancos chegados em veleiros, é feito escravo juntamente com seu povo e enviado ao Brasil para trabalhos forçados.

A partir desses enredos, aponta-se que a construção de uma identidade é relacional: para existir, precisa de algo fora dela, mais especificamente de uma outra identidade que lhe forneça condições para que ela exista (WOODWARD, 2000, p. 9). Segundo a autora, a identidade se define pelo que não é, marcando a diferença em relação à outra - constrói-se historicamente por meio de símbolos sociais (WOODWARD, 2000, p. 9). Assim, a identidade africana no Brasil constrói-se em oposição a outras culturas, como a indígena, a alemã, a italiana, entre outras.

Narrativas africanas de tradição oral

Na verdade, a literatura infantil tem raízes na oralidade, tanto nas manifestações

poéticas como na prosa destinada à infância. Há um acervo de narrativas orais, conforme Ramos (2010), que são adaptadas e transformadas em livros infantis. Na poesia infantil contemporânea, também é forte a presença do folclore. Desse modo, a partir da leitura das obras selecionadas que compõem a categoria *narrativas africanas*, percebemos uma diferença fundamental que contribuiu para a divisão do conjunto de obras em dois grupos: o primeiro é composto pelas narrativas de tradição oral africanas, e o segundo, por aquelas que, embora veiculem essa cultura, não pertencem à cultura popular⁵. Das sete obras, cinco são narrativas (contos ou recontos) de tradição oral africana, e as outras duas apenas apresentam um hábito de certos povos – o de colher mangas, em uma aldeia localizada no Chade – e a amizade de uma menina pela galinha que seria o almoço de Natal. A fim de restringir o *corpus* de análise e devido à amplitude e à profundidade das narrativas de tradição oral, cujos conflitos já foram repetidos inúmeras vezes, optamos por analisá-las, deixando essas duas narrativas de cunho mais autoral para outro estudo.

Em geral, nas sociedades rurais africanas, as narrativas de tradição oral veiculam valores sociais e culturais, em especial, pelo seu caráter exemplar (ROSÁRIO, 1989, p. 40). Estão ligadas aos diversos sistemas que convergem para a sobrevivência da comunidade: o sistema de parentesco, a fecundidade e o funcionamento do cosmos (dia e noite, estações do ano, etc.). Narradores e ouvintes podem se identificar com elementos do enredo, acreditando ser possível que a intriga ocorra em seu próprio universo, ao mesmo tempo em que sabem que a narrativa representa um universo simbólico, criando um distanciamento necessário para a reflexão (ROSÁRIO, 1989, p. 41).

Obras de tradição oral podem ser divididas em coletivas e anônimas ou em mitos, lendas e contos. Particularmente as histórias africanas têm uma função etiológica, ao explicar a origem de elementos da natureza, sendo comuns nos desfechos conclusões como “é por isso que até hoje o coelho passou a andar aos saltos” (ROSÁRIO, 1989, p. 52). Ainda segundo Rosário, as narrativas orais são aceitas pela comunidade sem se questionar sobre a coerência ou a veracidade. Nas narrativas *ascendentes*, a situação inicial é de carência, superada por uma série de peripécias, atingindo-se uma situação final apoteótica (indo do caos ao cosmos). O triunfo do herói, em geral, é obtido pelo

⁵ Entendemos por cultura popular, nesse caso, aquela que é gerada no seio do povo e ali sobrevive por meio da memória individual e coletiva. Já as narrativas são criadas e mantidas por meio de narradores.

casamento, pela conquista de riquezas materiais ou pela ascensão ao poder. Já as narrativas *descendentes* começam com uma situação inicial estável, que acaba numa situação de carência devido a peripécias de degradação ou de transgressão (ROSÁRIO, 1989, p. 87). Há ainda as narrativas cíclicas, que estruturalmente são divididas em duas partes: a primeira segue um esquema ascendente, e a segunda um esquema descendente (ROSÁRIO, 1989, p. 90). É possível encontrar narrativas em que ocorre o contrário: a situação inicial é descendente e a final ascendente (ou seja, volta-se à estabilidade inicial, apesar de ter-se passado por uma situação de carência no meio da narrativa) (ROSÁRIO, 1989, p. 91). Em ambas, há um acontecimento que repõe a situação inicial. Além delas, existem as narrativas em espiral, que são aquelas em que a “[...] reposição da situação inicial é efectuada a um plano qualitativamente diferente embora aparentemente semelhante” (ROSÁRIO, 1989, p. 15).

As obras de tradição oral possuem uma outra característica marcante nos enredos: a atemporalidade. Conforme Azevedo (2008, p. 181), conflitos de contos orais

não costumam ocorrer num tempo determinado (ou histórico), mas [...] num passado ou numa dimensão anteriores e desconhecidos. Note-se que seu desenvolvimento acontece ‘certa vez’, ‘há muito tempo...’, ‘no tempo em que os animais falavam’, ‘há milhares de anos quando nada existia do que hoje existe’.

Geralmente, a passagem do tempo nessas obras também não é explicitada. Com frequência, é possível encontrar narrativas em que nem os personagens, nem o espaço denotam a mudança do tempo, permanecendo iguais durante todo o curso da história.

O herói despede-se do pai, viaja pelo mundo, enfrenta perigos e um sem número de aventuras, desobedece uma recomendação, é castigado, foge, liberta a princesa das garras do monstro, retorna, é traído, luta, vence, casa-se com ela e em termos temporais, aparentemente, nada mudou. Crianças, jovens e velhos começam e terminam a história mantendo, em geral, suas respectivas idades. (AZEVEDO, 2008, p. 181)

A partir de peculiaridades inerentes às narrativas de tradição oral, a seguir serão estudadas cinco narrativas africanas de tradição oral, pertencentes ao acervo do PNBE 2008, e que assumem tendências estruturais descritas acima.

Os três presentes mágicos

Escrita por Rogério Andrade Barbosa e ilustrada por Salmo Dansa, ambos brasileiros (Editora Record), a obra narra a história de três irmãos aldeões que se apaixonam por

uma princesa, mas como sabem que são muito pobres para ela, decidem sair pela África em busca de uma nova vida. No caminho, passam por diversas situações perigosas, conhecem diferentes espaços e povos. Os irmãos chegam a um lugar misterioso, onde são capturados e escravizados por um grupo de seres com poderes sobrenaturais. Como cooperavam entre si, conseguiram terminar os trabalhos (entendidos como provas) a tempo e foram libertados, recebendo três presentes mágicos como prêmio pelos serviços prestados. O irmão mais velho ganhou um espelho clarividente, o do meio, um tapete voador e o mais novo, uma rede de aço inquebrável. Através do espelho, o irmão mais velho fica sabendo que a amada se casaria com um mostro disfarçado de humano. Os três partem no tapete voador para salvar a jovem, aprisionando o monstro na rede de aço. Como recompensa, o rei permite que um deles se case com a princesa. Mas qual? Nem os anciãos, que representam a sabedoria, conseguem tomar a decisão, ficando para o leitor a escolha, o qual é convocado a participar do enredo.

O conto, cujo cenário é uma pequena aldeia do antigo Congo, apresenta tempo impreciso e narrativa ascendente, uma vez que, partindo de uma situação inicial desfavorável, os protagonistas conseguem superar dificuldades com a ajuda de objetos mágicos, conquistando uma situação final satisfatória (apesar do desfecho aberto, que seria concretizado com o casamento). A história narrada está compreendida durante alguns anos da vida dos irmãos, mas nesse caso, a passagem do tempo, que os teria deixado mais velhos, além de não ser perceptível, também não é definida. As ilustrações repetem o texto verbal, mas em alguns momentos agregam dados importantes à história, como a caracterização do monstro que se casaria com a princesa. Quanto à proposta temática do conflito, lembramos de Rosário, ao afirmar que “as narrativas sobre os monstros comedores de pessoas são dos exemplares mais antigos na história da literatura de Tradição Oral de qualquer civilização, portanto elas constituem um património universal.” (1989, p. 232).

Os chifres da hiena e outras histórias da África Ocidental

Organizada a partir de contos narrados pelo contador de histórias senegalês Mamadou Diallo e de ilustrações da artista plástica colombiana que vive no Brasil, Yili Maria Rojas (Editora Comboio de Corda), a obra faz parte da série “De boca em boca”, e é composta pelas narrativas “Por que a lebre pula em vez de andar?”, “Maalign Saadyo”, “Engolindo o leão”, “A noiva da serpente” e “Os chifres da hiena”. As cinco histórias

fazem parte da tradição oral e foram transmitidas oralmente por várias gerações. Ao folhear o livro, o leitor percebe a existência de palavras grifadas, letras maiores que outras, itálicos, uma vez que o projeto gráfico tenta recuperar o registro da dimensão vocal e a socialização das práticas de leitura.

“Por que a lebre pula em vez de andar?” é um conto de esperteza. Há muito tempo, quando o rei da floresta era o elefante, este determinou que a caça deveria ser interrompida, e que, para se alimentar, os animais plantariam aquilo de que mais gostassem. Cada bicho demarcaria o território de sua plantação dando dez passos, e assim teria um campo de acordo com o seu tamanho. A lebre Leuk, no entanto, queria a mesma quantidade de terras dos animais maiores. Neste ponto, destaca-se a esperteza da lebre, que dá dez saltos em vez de dez passos para demarcar sua área, conseguindo um campo tão grande quanto o da girafa e o do elefante. Descontentes com a situação, os outros animais tomam satisfação junto à lebre, querendo saber se era assim mesmo que ela andava. Após a confirmação, Leuk é advertida de que, caso fosse pega andando de outra maneira teria suas orelhas cortadas, “e desde então, a lebre pula em vez de andar” (DIALLO, 2007, p. 23). O conto também assume um caráter etiológico, ao explicar porque a lebre anda aos pulos.

Em “Maalign Saadyo”, conhecemos o fim de um hipopótamo que é morto por um homem enciumado. Maalign era um animal diferente: gostava da companhia dos humanos, e eles o adoravam. O animal também agia de modo distinto de outros membros de sua espécie, não invadindo ou destruindo plantações. Maalign tinha uma grande amizade por Awa, e ela, apesar das proibições do pai, continuava a encontrar o hipopótamo, não respeitando a determinação paterna. O pai obriga a filha a noivar com um grande guerreiro da cidade. O noivo, porém, muito enciumado em razão da amizade da jovem com o animal, procura uma feiticeira que fabrica uma bala de fuzil para matar o hipopótamo. Durante a noite, o noivo vai até a margem do rio em que Maalign dormia e o mata. Awa, inconformada, entra no rio e desaparece para sempre.

O conto “Engolindo o leão” narra a coragem da menina Diabou N’Dao, que muito apreciava as amêndoas de coquinhos. Em certa ocasião, tarde da noite, a garota estava sozinha, quebrando coquinhos, enquanto a família dormia, quando se ouviu um leão rugindo na mata, ao longe. À medida que o leão se aproximava, os familiares de Diabou N’Dao alertavam-na sobre o perigo, pedindo que entrasse em casa para se proteger. A menina, ignorando a orientação, enfrenta o leão, e após uma série de

peripécias, devora-o, para surpresa de todos.

Diabou N’Dao se levantou de supetão.
Jogou a pedrinha fora e foi de encontro ao leão...
E o leão engoliu Diabou N’Dao.
Mas Diabou N’Dao saiu pelo fiofó do leão...
E ela engoliu o leão...
Mas o leão saiu pelo fiofó de Diabou N’Dao...
e de novo engoliu Diabou N’Dao.
Diabou N’Dao saiu de novo pelo fiofó da fera, engoliu o leão e encheu o fiofó de papel. (DIALLO, 2007, p. 43-44)

“A noiva da serpente” conta a história de uma belíssima moça chamada Mariama que, após recusar vários pretendentes por causa das cicatrizes que havia no corpo deles, é seduzida e desposada por uma cobra píton disfarçada, conhecida como Yéhou. O irmão de Mariama tenta avisá-la, mas ela não lhe dá ouvidos. Yéhou e a esposa põem-se a caminho da terra distante, onde o marido dizia viver, para conhecer a nova família. Nas profundezas da floresta, porém, o monstro mostra sua verdadeira identidade e obriga Mariama a segui-lo até sua nova casa. Desesperada, ela o segue, mas, ao se negar a entrar no buraco onde seria sua moradia, a píton a devora. No entanto, o irmão de Mariama, que a seguia, consegue salvá-la da morte, abrindo a barriga da cobra e libertando a irmã. A moça, então, volta para a aldeia e se casa com o campeão dos lutadores, que tem o corpo cheio de cicatrizes.

“Os chifres da hiena”, conto que dá nome à obra, apresenta a história da hiena Bouki que, cansada de caçar, decide ser vegetariana. A protagonista acreditava, no entanto, que não poderia sair por aí comendo qualquer planta e foi se aconselhar com os verdadeiros comedores de capim. Descobre, porém, que apenas os animais com chifres poderiam comer capim. Bouki vai em busca de chifres, encontrando-os em cima de um ninho de cupins. Correndo até o ferreiro Teugg, a hiena consegue implantar os dois chifres em sua testa. Os herbívoros ficaram estupefatos com a nova condição da hiena. O que Bouki não esperava eram os efeitos dos pregos e dos chifres sobre sua testa. Com dores de cabeça, vertigem e sensação de que o mundo inteiro estivesse sobre a sua cabeça, a hiena cai ao chão com o crânio borbulhando e, apesar de sua boa vontade, não consegue se tornar herbívora.

Os conflitos dos contos dessa obra ocorrem em diferentes cenários – a selva ou as aldeias da África. As ilustrações lembram xilogravuras e estão localizadas à margem das páginas, representando apenas cenas do clímax dos contos. Elas silenciam frente a

vários aspectos dos contos, acolhendo a atuação do leitor, por exemplo, na caracterização dos personagens e dos espaços. Os animais são personificados, o que se pode perceber, por exemplo, tanto na atuação da cobra como na da hiena.

No conto de esperteza “Por que a lebre pula em vez de andar?”, percebe-se que, entre os personagens animais, os menores, “pela sua inteligência, astúcia e esperteza, conseguem levar a melhor [...]” (ROSÁRIO, 1989, p. 94). Apontamos ainda que o enredo tem estrutura ascendente, a qual é fundamental para o entretenimento, devido ao caráter lúdico que apresenta (ROSÁRIO, 1989, p. 112-113). Rosário enfatiza o caráter exemplar nas narrativas africanas e acredita que essa característica esteja em todas as histórias de tradição oral dessa cultura. Nesse sentido, afirma:

Apesar de uma situação essencialmente lúdica e de entretenimento que rodeia a narração destas histórias, não partilhamos da ideia de que estas narrativas estão destituídas de qualquer exemplaridade, porque pensamos que não existe nenhuma narrativa africana que valha apenas por si própria, ignorando ou não transportando dentro de si a sua função educativa (ROSÁRIO, 1989, p. 115).

Em “Maalign Saadyo”, a morte trágica do hipopótamo por causa de sua amizade com Awa, que continuava a vê-lo apesar da proibição, alerta para as consequências da desobediência. Trata-se de uma narrativa descendente e, assim como na análise das narrativas feita por Rosário (1989, p.137), aparece “com maior nitidez a preocupação didáctica, através da punição das transgressões”. Assim, o pai de Awa a obriga a se casar, e, em decorrência do ciúme do noivo, o amigo hipopótamo é morto.

“Engolindo o leão” é uma narrativa cíclica em que a ordem inicial é reestabelecida ao final, após uma situação de perigo, nesse caso, o aparecimento do leão na aldeia de Diabou N’Dao. Segundo Rosário (1989, p. 132), “[...] o leão é uma personagem que geralmente entra em narrativas em que desempenha papéis nobres.” Aqui, porém, a ênfase está na menina, mostrando a sua superioridade pela coragem de enfrentar o leão, sempre temido e visto como o mais forte e perigoso dos animais.

“A noiva da serpente” é uma narrativa em espiral, visto que “a reposição da situação inicial é efectuada a um plano qualitativamente diferente, embora aparentemente semelhante” (ROSÁRIO, 1989, p. 15). A situação inicial de Mariama era favorável devido à sua beleza e felicidade, estado que é mantido no final do enredo com a realização do casamento da moça com o campeão dos lutadores. Durante a trama, é possível verificar ainda a presença de um auxiliar mágico, a árvore Baobá, que ajuda a

cobra píton a se transformar em humano para conquistar Mariama. Durante o conflito, porém, a situação privilegiada da jovem cede espaço à revelação da problemática vivida pela personagem que, vítima de seu orgulho, passa a ser enganada pela cobra. A família não a abandona, de modo que o irmão salva-a do trágico destino. As cicatrizes, antes rejeitadas por Mariama, no desfecho, são tomadas como símbolos da luta e da coragem do pretendente que a desposa.

De acordo com Rosário (1989, p. 204), podemos considerar que essa narrativa tem como tema “[...] os perigos que podem aparecer quando os passos para o casamento não são conduzidos dentro dos parâmetros culturais definidos pela comunidade.” Em narrativas como essa, o herói é o irmão mais novo da protagonista que a salva do perigo. Ele “[...] representa a consciência colectiva que vigia de perto a preservação dos valores sagrados que permitem a manutenção da tribo.” (ROSÁRIO, 1989, p. 204). Esse tipo de narrativa possui uma abordagem mais séria e tem como objetivo didático a normatização sagrada da coletividade e a manutenção do casamento (ROSÁRIO, 1989, p. 193).

“Os chifres da hiena” é uma narrativa de estrutura descendente em que a hiena Bouki, querendo tornar sua vida mais fácil, tenta modificar a lei natural de sobrevivência e decide se alimentar de capim ao invés de carne. Segundo Rosário (1989, p. 113), a hiena é uma personagem de sinal negativo e é tida como a escória dos animais. “Simboliza a estupidez, a cobardia, a traição, a ambição e a bajulação.” (ROSÁRIO, 1989, p. 113). Nesse conto, é possível perceber a presunção da hiena ao acreditar que poderia se tornar herbívora.

O príncipe corajoso e outras histórias da Etiópia

Organizado a partir de contos recolhidos pela libanesa radicada na França Praline Gay-Para e com ilustrações da francesa Sophie Dutertre (Editora Comboio de Corda), *O príncipe corajoso e outras histórias da Etiópia* é outra obra da série “De boca em boca”, e é composta por três narrativas: “O contador de histórias”, “O príncipe corajoso” e “Quem é o rei?”. A obra possui as mesmas características gráficas do livro *Os chifres da hiena e outras histórias da África Ocidental*: tipo de letra, grifos aplicados a elas e disposição do texto verbal e das imagens nas páginas. Há, porém, ilustração em duas páginas, antecedendo cada história e antecipando aspectos do enredo. “O contador de histórias” discorre a respeito de um lavrador que consegue contar ao rei uma história

que ninguém lhe havia revelado. O rei, que gostava muito de ouvir histórias e, portanto, já conhecia todas as narrativas, lança um desafio: aquele que conseguisse lhe contar um enredo inédito e que o fizesse dizer “Basta! Já ouvi o suficiente!”, receberia como prêmios o título de príncipe e uma vasta porção de terras. Muitos tentam, mas apenas o lavrador consegue.

“O príncipe corajoso” narra a história de um príncipe covarde que, acidentalmente é visto como corajoso. Depois de se perder na floresta durante a caçada anual, Shi-Guday vai parar em outro país, aonde chega montado em uma grande hiena. Ao observar o recém-chegado que insulta a multidão, tentando parecer destemido, a princesa Fannay vê o homem medroso por debaixo da aparente coragem e se apaixona. O sentimento é correspondido, mas Shi-Guday só consegue casar com ela após passar pela prova de capturar um feroz leão que devastava o país. Ele, porém, ignora a ajuda que a princesa lhe prestou para realizar esse feito. Depois de casados, o esposo precisa enfrentar um terrível exército de invasores. Fannay novamente o ajuda e eles saem vitoriosos, contribuindo para aumentar a fama de corajoso de Shi-Guday.

O conto “Quem é o rei?” revela a história de um pobre camponês que se torna amigo do rei por acolhê-lo bem, mesmo ignorando sua verdadeira identidade. Um homem, que havia se perdido na floresta e é bem acolhido, convida o camponês a guiá-lo até a capital do país. O bom anfitrião aceita o convite, sob a condição de conhecer o rei. No meio da viagem, o camponês pergunta como faria para reconhecer o rei. O homem diz que o rei será o único que fará as coisas de maneira diferente e lhe aconselha a observar as pessoas. O camponês faz isso, mas acaba intrigado por não conseguir reconhecer o rei. Depois de muito observar, decifra o enigma: o homem ao seu lado é o rei que tanto gostaria de conhecer.

Os contos, como o título da obra anuncia, passam-se na Etiópia e ocorrem durante tempo indeterminado, próprio das narrativas populares. As imagens lembram xilogravura e estão nas cores preto e alaranjado, seguindo as mesmas características do outro livro da coleção. As imagens representam apenas o ápice dos contos, de modo que outros aspectos dos conflitos serão configurados a partir do conhecimento prévio que o leitor tem sobre a África.

Com base no estudo de Rosário (1989), é possível enquadrar o primeiro dos contos, “O contador de histórias”, como uma narrativa de estrutura ascendente. Através da transposição de um desafio, o lavrador sai vitorioso e recebe honrarias que lhe

permitem substituir a vida de trabalho pela nobreza. É possível verificar, no entanto, que não há, na narrativa, menção a algo que qualifique o lavrador como pobre ou humilde. O narrador, porém, sugere a tranquilidade do protagonista, no desfecho do enredo: “O lavrador se instalou confortavelmente sobre um tapete e começou...” (GAY-PARA, 2007, p. 17).

“O príncipe corajoso” é uma narrativa em espiral. O jovem Shi-Guday, apesar da vida digna que levava como príncipe, era medroso e não possuía a coragem que o tornaria apto a suceder o pai, no seu povoado. Após uma série de peripécias, num país vizinho, Shi-Guday consegue ser visto como um homem corajoso, apesar de, no íntimo, nunca ter deixado de ser medroso. A história inicia-se na aldeia do pai do protagonista, onde o jovem era conhecido por ser medroso e desloca-se para outro cenário – a cidade. A duração do conflito estende-se até depois de se tornar rei, quando mantém a imagem de homem valente e destemido.

O conto “Quem é o rei?” revela uma narrativa ascendente, em que o estado inicial de carência de um camponês é superado depois que ele ajudou um homem, sem saber que se tratava do rei que almejava conhecer. Como é característico das obras de tradição oral, não é possível determinar o tempo em que a história aconteceu. No entanto, estima-se que o período inicial em que os personagens principais estiveram em contato: somando a noite que o rei passou na casa do camponês aos dois dias de viagem a Gondar (GAY-PARA, 2007, p. 53), descobre-se que eles estiveram juntos durante três dias. A duração interna do conto é indeterminada, mas ao final da história o narrador informa que “... a amizade deles durou muito tempo...” (GAY-PARA, 2007, p. 61). A narrativa transcorre em três cenários: a cabana do camponês, o caminho que leva a Gondar e o palácio do rei. É possível perceber a importância do camponês ao auxiliar o desconhecido que lhe pedia ajuda. Sabemos, como já foi mencionado anteriormente, que na sociedade africana, em especial na campesina, “[...]a tradição oral é o veículo fundamental de todos os valores, quer *educacionais*, quer *sociais* quer *político-religiosos*, quer *econômicos*, quer *culturais* []” (ROSÁRIO, 1989, p. 40). A autora argumenta que o caráter exemplar dessas histórias transmite valores referendados pela sociedade, às gerações futuras.

Ulomma, a casa da beleza e outros contos

Compilada por Sunny e com ilustrações de Denise Nascimento (Editora Paulinas), a obra é uma coletânea de contos africanos que os antepassados do autor usavam para ensinar lições importantes, conforme indicações paratextuais que constam no exemplar.

O primeiro deles, mencionado no título do livro, conta a história de Ulomma, a esposa rejeitada pelo rei e desprezada pelas outras esposas, porque não podia gerar filhos. Um dia, no entanto, desejoso de um herdeiro, o rei manda suas mulheres comerem uma fruta chamada *tanturuime*, conhecida por ajudar nesse objetivo. Os amigos animais de Ulomma ouvem a conversa e convencem-na a chupar o caroço das frutas. Ulomma engravida e gera um filho homem, diferentemente das outras esposas. Estas roubam o menino e, apesar de o jogarem no rio dentro de um pote de barro, a criança é salva. Ignorando o fato de que Ulomma teria gerado um filho, o rei continua desprezando-a até que a verdade é descoberta. Ela se torna rainha e, juntamente com o filho, passa a morar no castelo com o rei, onde as outras esposas já não estão.

O segundo conto do livro, “Unu nile”, narra a história de uma tartaruga que lamentava a vida que tinha, dizendo que a existência das aves era muito melhor. Estas acabam por ajudá-la e constroem um par de asas para a tartaruga. No entanto, deixando-se dominar pelo orgulho, a tartaruga passa a zombar dos animais que não podem voar. O Criador, nesse tempo, preparava uma festa no céu reservada para os animais que voavam, e as aves convidam a tartaruga para participar. Egoísta, a tartaruga cria um plano para parecer que a festa é apenas para ela. As aves, decepcionadas, pegam suas penas de volta e deixam a tartaruga no céu, sem asas. Quando os empregados do Criador vão limpar o salão, a intrusa é lançada à Terra. As formigas encontram o casco e o emendam para fazer um formigueiro, mas, depois de uns dias, a tartaruga se sente melhor e vai embora com seu casco emendado. A história explica a origem do casco da tartaruga que parece ser a junção de muitas partes quebradas.

O conto “Okpija” apresenta uma bela mulher, orgulhosa e prepotente que, após rejeitar muitos homens, apaixona-se por três peixes disfarçados e se casa com eles. No momento de retornarem para a casa dos maridos, no entanto, Okpija descobre a verdade e, envergonhada, decide não voltar à sua aldeia. Pula, então no mar, e o seu corpo chega ao fundo. Os peixes, entretanto, pediram a Deus para que a salvasse. Assim, Okpija é salva e é transformada em uma espécie de peixe semelhante aos humanos.

“Inine” conta a história da mais bela mulher de uma aldeia, que adorava dançar, porém vivia doente. Inine descobre como se livrar de suas doenças, através de um ancião sábio. O velho disse-lhe que as doenças saíam de seu corpo para passear ao meio-dia e que depois de preparar um prato de comida para elas, Inine deveria fugir para bem longe e nunca mais voltar. As doenças, porém, descobrem a intenção da

mulher e começam a tocar uma música para trazê-la de volta. Inine, mesmo longe, ouve a música que toca dia e noite e não resiste ao som, regressando à sua aldeia, onde reencontra as doenças que entram novamente em seu corpo.

O último conto, “Olukwe”, narra a história de um homem que trabalhava sem parar. Sempre estava fazendo alguma coisa ou até duas ao mesmo tempo. Diziam que ele era assim porque havia nascido enquanto sua mãe colhia mandioca. Um dia, durante um temporal muito forte, Olukwe estava cortando lenha e, apesar dos pedidos de sua família e dos vizinhos, Olukwe continuava a trabalhar. Como consequência, acaba sendo atingido por um relâmpago que o transporta para a lua, onde vive até hoje como uma estátua.

O tempo e o espaço nos contos são indeterminados, apesar de ser sabido que em “Unu nile” a história se passou há muito tempo, quando surgiu a Terra. Os paratextos da obra situam os conflitos na Nigéria. As ilustrações enfatizam a expressividade e, ao mesmo tempo, revelam traços culturais do povo africano, tais como vestimentas e habitações, acolhendo a imaginação do leitor, na medida em que espaços e ações são pouco caracterizados. No conto “Okpija”, por exemplo, a ilustração mostra o tipo de peixe em que a protagonista foi transformada.

Com base nos referenciais trazidos por Rosário (1989), “Ulomma, a casa da beleza” é uma narrativa ascendente, que parte de uma situação inicial de carência para terminar bem e com o prêmio para o herói. Nesse conto, não há a presença de um auxiliar mágico que ajude Ulomma na resolução de seus problemas, mas a interferência de seus amigos animais a auxilia.

Já “Okpija” é uma narrativa em espiral, uma vez que a condição da protagonista no final é relativamente distinta daquela apresentada no início. Aqui, diferentemente de em “Ulomma, a casa da beleza”, há um auxiliar mágico, Deus, que ajuda os três peixes a se transformarem em seres humanos em troca da limpeza da água do mar.

Em “Unu nile” e “Inine”, a narrativa é cíclica, uma vez que a situação inicial, desfavorável, é semelhante à situação final. Apesar de estruturalmente parecidas, as histórias são diferentes. Em “Unu nile”, a tartaruga ajudada pelas aves não lhes é grata e, em detrimento daquelas que a ajudaram, age em benefício próprio. Já em “Inine”, a jovem acaba sendo beneficiada por um sábio ancião para quem havia preparado uma refeição. Sua ação não foi intencional, partindo do ancião a iniciativa de ajudá-la.

Os gêmeos do tambor

Escrita por Rogério Andrade Barbosa e com ilustrações de Ciça Fitipaldi, (Editora DCL), a obra conta a seguinte história: sendo a poligamia um costume do povo massai, havia um homem, Kipetete, que tinha duas esposas, Awoi e Marogo. A primeira delas não conseguia ter filhos, enquanto a outra tinha três meninas e acabara de dar à luz gêmeos. Invejosa, Awoi rouba os filhos de Marogo e joga-os no rio dentro de um tambor, mentindo ao marido que Marogo havia matado os próprios filhos. Um pastor idoso encontra os meninos e os cria. Os gêmeos crescem e começam a sentir curiosidade sobre seu passado. No dia de sua morte, o pastor conta aos rapazes a história dos dois e eles decidem conhecer a terra onde nasceram. Depois de muito andar, deparam-se com uma senhora maltrapilha, que lhes conta uma história semelhante à que o idoso lhes contara. Os gêmeos percebem então que se trata da sua mãe. Eles regressam para sua terra natal e contam a verdade ao povo, que havia expulsado Marogo. Como castigo, Awoi passa a cuidar do rebanho, tarefa que cabia a Marogo.

O conto se passa em uma região entre a Tanzânia e o Quênia, o tempo é impreciso e as ilustrações auxiliam na caracterização do espaço e dos personagens, revelando vestimentas, feições e paisagem não descritas pela palavra. Dessa forma, através da ilustração, o leitor conhece aspectos da estética do povo massai.

A narrativa pode ser classificada como cíclica, visto que, apesar de uma situação de carência durante a história, o estado final é semelhante ao estado inicial, que é favorável. O nascimento dos filhos de Marogo causa muita inveja a Awoi. Esta acusa Marogo, injustamente, de ter matado seus filhos. Expulsa do povoado, Marogo é submetida a um serviço humilhante como forma de castigo. Seus filhos, entretanto, foram criados carinhosamente por outra pessoa, e acabam por reconhecê-la e acolhê-la, desfazendo o erro cometido e punindo a verdadeira culpada.

Considerações finais

A definição por uma determinada obra para compor um acervo que estará em bibliotecas de escolas públicas de um país é uma decisão política acerca da valorização de determinada cultura, a qual passará a constituir também a identidade dos leitores, nesse caso, crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A opção por obras que privilegiem culturas diversas, entre elas a africana, é uma forma de permitir que as crianças, hoje, diferentemente da escritora nigeriana Chimamanda Adichie, construam seu imaginário com imagens provindas de várias culturas. Abrir espaço e acolher outras

vozes, outras culturas nas leituras a serem feitas pela criança brasileira é, pois, uma tentativa de contribuir para que o discurso literário seja de fato dialógico, de modo que não se tenha uma história única circulando no imaginário dos estudantes. Temos tantas histórias quantos são os seus narradores, quantas são as culturas privilegiadas. Trata-se de uma iniciativa que busca apagar o discurso monológico em prol das outras vozes que compõem o cenário nacional.

Interagir com os contos de origem oral citados neste artigo contribui para que o leitor entenda aspectos inerentes à condição humana, tais como a incompletude, sugerida no conto “Os três presentes”, em que o ato de salvar a princesa necessita da ação dos três irmãos. Os contos também apontam para a inseparabilidade primitiva entre o homem e o animal, a partir, por exemplo, da possibilidade de casamento entre animais e humanos, como ocorre no conto “A noiva da serpente” e “Okpija”. A amizade entre a protagonista e o hipopótamo em “Maalign Saadyo” também referenda essa aproximação entre homens e animais.

Condutas eticamente rejeitadas, mas presentes na natureza humana, vivem na sociedade desde que existe a cultura humana. Pelo caráter atemporal e pela sabedoria veiculada na literatura de cunho oral, estão nos enredos sentimentos como a inveja e a vingança. No conto “Ulomma, a casa da beleza”, a inveja faz com que o filho homem de Ulomma seja roubado da mãe pelas outras esposas do marido que desejava um herdeiro. Situação similar ocorre em “Os gêmeos do tambor”, em que os filhos gêmeos também são tirados da mãe, devido à inveja das outras esposas que não geraram o herdeiro esperado pelo marido.

Tais enredos são produto da observação humana e revelam contradições que também estão na sociedade contemporânea. Enfim, a presença, nas bibliotecas escolares e nas salas de aula, desses contos, reveladores de sínteses e contradições, contribui para o respeito e a valorização da cultura afrobrasileira e da sabedoria que ela carrega consigo. Acreditamos que o estudante brasileiro, constituído a partir de diversas etnias, tenha o direito de conhecer tais narrativas, para ver-se representado nos conflitos, assim como para ter contato com histórias diversas daquelas que conhece, ampliando seus conhecimentos acerca da África e de seus povos e, conseqüentemente, alargando as suas possibilidades de perceber-se como cidadão brasileiro.

Referências

Obras do PNBE 2008

BARBOSA, Rogério Andrade. *Os gêmeos do tambor (reconto do povo massai)*. São Paulo: DCL, 2006.

_____. *Os três presentes mágicos*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BELÉM, Valéria. *O cabelo de Lelê*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

DIALLO, Mamadou. *Os chifres da hiena e outras histórias da África Ocidental*. São Paulo: Comboio de Cordas, 2007.

GAY-PARA, Praline. *O príncipe corajoso e outras histórias da Etiópia*. São Paulo: Comboio de Corda, 2007.

LAGO, Angela. *Outra vez*. Belo Horizonte: RHJ, 2005.

ORTHOF, Sylvia. *O rei preto de Ouro Preto*. 4. ed. São Paulo: Gaia, 2008.

SUNNY. *Ulomma: a casa da beleza e outros contos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SVARTMAN, Rosane. *Melhores amigas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

Outras referências

ADICHIE, Chimamanda. *The danger of a single story*. Oxford, Inglaterra, 2009. Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/por_pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html Acesso em 23 jun. 2010.

ARBOLEYA, Valdinei. Questões de literatura infantil e afrodescendência: o poder de ação do personagem negro nas áreas de decisão da narrativa. In: *Revista África e Africanidades*. Ano I, n. 4, Fev. 2009.

AZEVEDO, Ricardo. Conto popular, literatura e formação de leitores. In: SILVA, René M. da C. (org.). *Cultura popular e educação*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008 - (Salto para o futuro).

BRASIL. FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. Programa Nacional Biblioteca da Escola. [S.I.]: FNDE, 2009. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/index.php/programas-biblioteca-da-escola>. Acesso em 04 fev. 2009.

CONFORTO, Marília. Somos todos iguais? Uma questão de discurso. In: BILHÃO, Isabel (org.). *Visões do Brasil: realidade e perspectivas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

DEBUS, Eliane. *A literatura infantil contemporânea e a temática étnico-racial: mapeando a produção*. Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil. Seminário de Literatura Infantil e Juvenil 2007. Disponível em:

http://www.alb.com.br/anais16/sem08pdf/sm08ss12_06.pdf. Acesso em 16 ago. 2010.

PAIVA, Aparecida. In: BONINO, Rachel. *Onomatopéia, imagem, ação*. Revista Educação. Ano 12 – nº 144. Abril de 2009. Disponível em: <http://revistaeducacao.locaweb.com.br/textos.asp?codigo=12663>. Acesso em 21 jul. 2009.

RAMOS, Flávia Brocchetto. *Literatura infantil: de ponto a ponto*. Curitiba, CRV, 2010.

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. *A narrativa africana de expressão oral: transcrita em português*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Luanda: Angolê, 1989.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.